

A PESTE ANTONINA: A EXPERIÊNCIA E O IMPACTO DE UMA PANDEMIA NA ANTIGUIDADE^{*1}

Julio Cesar Magalhães de Oliveira^{**}

Resumo: *De todas as epidemias que grassaram na Antiguidade, a Peste Antonina é certamente a mais bem documentada. Apesar disso, a natureza das fontes de que dispomos faz com que a compreensão moderna de seus impactos seja objeto de interpretações divergentes. No entanto, os avanços recentes no estudo das patologias do passado e a nossa experiência recente com a Covid-19 têm aberto novas perspectivas para o estudo dessa que pode ser considerada a primeira pandemia já registrada. O objetivo deste artigo é apresentar as dificuldades de interpretação sobre o impacto e as consequências da Peste Antonina, mas também refletir sobre a experiência dessa epidemia à luz das questões do presente.*

Palavras-chave: *Peste Antonina; epidemias na História; doenças infecciosas; desigualdades sociais; história da medicina.*

THE ANTONINE PLAGUE: THE EXPERIENCE AND IMPACT OF A PANDEMIC IN ANTIQUITY

Abstract: *Of all the epidemics that raged in antiquity, the Antonine Plague is certainly the best documented. Despite this, the nature of the sources at our disposal makes the modern understanding of its impact the subject of divergent interpretations. Yet even so, recent advances in the study of past pathologies and our recent experience with COVID-19 have opened new perspectives for the study of what can be considered the first pandemic ever recorded. The purpose of this article is to present the difficulties of interpreting the impact and consequences of the Antonine Plague, but also to reflect on the experience of this epidemic in the light of current issues.*

* Recebido em: 30/05/2022 e aprovado em: 25/07/2022.

** Professor doutor do Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-graduação em História Social dessa universidade. Coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq "Grupos Subalternos e Práticas Populares na Antiguidade". Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1288-6158>. E-mail: jcmo@usp.br.

Keywords: *Antonine Plague; epidemics in History; infectious diseases; social inequalities; history of medicine.*

Introdução

Em 1989, um amuleto de época romana foi encontrado no leito do rio Tâmisa, em Londres. Trata-se de uma tira longa e estreita cortada de uma folha de estanho e gravada com trinta linhas de texto grego. Seu portador era um certo Demétrio, um imigrante grego estabelecido ou de passagem pela província mais distante do Império Romano, no seu extremo noroeste. O texto do amuleto, editado por Roger Tomlin (TOMLIN, 2014; JONES, 2016, p. 469), dizia o seguinte:

*αβραι β[α]ρβασω, / βαρβασωχ, vacat / βαρβασωθ ευλιωρ /
αθεμορφι, λάβρου / λυμοῦ παράπεμ/πε δυσκέλαδον / ρύζημα, διήρι/
ον, τανυχιζον, / νυδρολεες, ὀδύμης δια/μηχόμαιμον, βα/ρύθιομον,
εαρκο/τακές, διατηκόμε/νον, φλεβίων ἀ/πὸ κόλπων. μέ/γας Ιάω, μέ/
γας Σαβαώθ, / διαφύλαζον τὸν / φοροῦντα. Φοῖβε / ἀκερσεκόμα, το/
ξότα, λοιμοῦ νε/φέλησι ἀπέλαυ/νε. Ιάω, Ἀβρ(α)σ/ἄζ θεέ, βοη(θ)εῖ.
/ Φοῖβος ἄπαζ ἐκέλευσεν βρο/τοῖς χιλεων ἀ/πέχεσθαι. Κύρι / θεέ,
τηρῆσον / Δημήτρην.*

*Abrai Barbasô Barbasôch Barbasôth. +euliôr; +athemorphi, man-
da embora o barulho discordante da peste furiosa, transportada
pelo ar, +tanykhizon, +nidrolees, dor que infiltra, espírito pesado,
destruidora de carne, derretendo, das cavidades das veias. Gran-
de Iao, grande Sabaoth, protege o portador. Febo do cabelo não
tosado, arqueiro, afasta a nuvem da peste. Iao, deus Abrasax, traz
ajuda. Febo certa vez ordenou aos mortais que se abstivessem de
+khileôn. Senhor Deus, cuida de Demétrio.*

Nós, que sofremos o trauma de nossa própria pandemia, podemos bem imaginar o terror e a angústia que o portador desse amuleto sentia diante do surto de uma nova doença infecciosa. Mas, vivendo num mundo em que não se sabia da existência de vírus ou bactérias, ele tinha motivos ainda maiores para o pânico. Demétrio, com efeito, se refere à doença como uma “peste furiosa transportada pelo ar”, uma nuvem que vem não se sabe de onde e ataca não se sabe como. No máximo, se o vocábulo χιλέων ao final

do texto for mesmo, como sugere Christopher P. Jones, o genitivo plural de χεῖλος (“lábio”), o oráculo de Febo (Apolo) estaria a ordenar a abstenção de beijos, o que revela ao menos uma vaga percepção de que a doença se transmitia por contato de pessoa a pessoa e de que, para evitá-la, era preciso certo distanciamento social (JONES, 2016, p. 471). Em todo caso, buscando se proteger contra esse perigo, Demétrio não hesitou em recorrer à proteção de todos os deuses possíveis, incluindo aí não apenas Febo/Apolo, o deus grego associado, desde a *Iliada*, tanto com a origem quanto com a cura de uma pestilência, mas também o deus dos judeus (grande Sabaoth) e uma figura mencionada em textos gnósticos: Abraxas. A pestilência à qual Demétrio se refere pode, aliás, ser identificada em uma das preces a Apolo: “Febo do cabelo não tosado, arqueiro, afasta a nuvem da peste” é uma variante do encantamento métrico que, segundo Luciano de Samósata, teria sido propagado pelo “falso profeta” Alexandre de Abonuteikhos (na costa da Paflagônia voltada para o Mar Negro) contra uma terrível pestilência que eclodira em 165 e que levou os habitantes do Império Romano, em pânico, a buscarem a proteção nos templos oraculares (LUCIANO. *Alexandros*, 36; TOMLIN, 2014, p. 201; JONES, 2016, p. 470). Essa pestilência é a que conhecemos pelo nome de Peste Antonina.

A palavra “peste” com a qual normalmente designamos a epidemia que começou a grassar no Império Romano na década de 160 não se refere a uma doença específica e menos ainda à peste bubônica. Na Antiguidade, a palavra latina *pestis* indicava, originalmente, grande destruição, catástrofe ou calamidade e, depois, foi associada ao desenvolvimento de uma doença contagiosa que provocava grande calamidade e mortes (GAIA, 2020, p. 155). O adjetivo que identifica a Peste Antonina, por sua vez, se refere à dinastia governante nesse momento, a dinastia antonina. Segundo nossas fontes literárias, o Egito, a Ásia Menor, parte da Europa continental e as ilhas britânicas foram assolados por várias ondas de uma grave doença infecciosa desde 165, ainda sob o governo conjunto de Lúcio Vero e Marco Aurélio, até a morte deste último em 180, vítima dessa mesma doença. A epidemia ressurgiu depois e conhece sua última e importante onda sob o governo de Cômodo, de 189 a 192 (para a cronologia e o elenco de fontes literárias, ver DUNCAN-JONES, 1996, p. 115-120). Como mostraremos, porém, há evidências de que essa doença se espalhou por uma área muito maior, tendo atingido três continentes e desde o Império Romano até a China dos Han, o que a qualifica, talvez, como a primeira pandemia atestada.

A Peste Antonina é das mais bem documentadas epidemias da Antiguidade, graças não só ao testemunho dos historiadores antigos, mas também ao de personagens que a viveram, como é o caso, em particular, do famoso médico Galeno, razão pela qual também é conhecida como a Peste de Galeno. Ela tem sido objeto de divergências entre os historiadores, sobretudo em razão das incertezas que persistem quanto a seu impacto (para um panorama das discussões, ver LO CASCIO, 2012). Há dois motivos, porém, que nos levam hoje a reavaliar a Peste Antonina. O primeiro consiste nos avanços da Arqueologia, da Paleoclimatologia e, em especial, da Genética. A Genética oferece pelo menos duas grandes contribuições, bem resumidas por Kyle Harper (2021) como “pensar a partir de árvores” (que é o que faz a filogenética) e “viajar no tempo” (que é o estudo proporcionado pela paleogenética, em especial a partir da análise do aDNA, o DNA antigo). Nas palavras de Monica Green, o superpoder da Genética é que ela “nos permite escrever a história da doença a partir da perspectiva do patógeno, não simplesmente da perspectiva necessariamente cega da observação humana (macroscópica)” (GREEN, 2021). É verdade que nós não podemos ainda contar com nada semelhante ao sequenciamento genético da bactéria *Yersinia pestis* e à descoberta de esqueletos infectados por esse agente causador da peste bubônica, os quais têm revolucionado os estudos sobre a Peste de Justiniano e a Peste Negra (GREEN, 2020; SARRIS, 2022). Não temos, por exemplo, nenhuma evidência, na forma de DNA, de patógeno antigo recuperado do esqueleto de uma vítima da Peste Antonina (HARPER, 2021, p. 194-195). Ainda assim, os estudos filogenéticos e paleogenéticos já realizados sobre os possíveis candidatos a patógeno causador da Peste Antonina nos permitem ao menos calibrar as hipóteses anteriormente formuladas a partir das fontes escritas. O segundo motivo, como já sugeri ao comentar o amuleto de Demétrio, são as novas questões levantadas com a nossa experiência recente com a pandemia de Covid-19 e que nos motivam a estudar essa pandemia do passado. O objetivo deste artigo é o de analisar algumas dessas questões à luz dos avanços recentes.

A eclosão e a difusão da Peste Antonina: o que os antigos sabiam e o que nós sabemos

A maioria das fontes literárias romanas, especialmente as historiográficas, sugere que a Peste Antonina foi espalhada a partir da fronteira com

a Pérsia pelo exército romano, logo após a campanha vitoriosa de Lúcio Vero contra os persas. Segundo o autor da *História Augusta* e o historiador Amiano Marcelino, foi em Selêucia, junto ao rio Tigre, que a peste contaminou os soldados romanos. Como reporta Amiano:

*Quando esta cidade foi invadida pelos generais de Vero César [...], a estátua de Apolo Comaeus foi arrancada de seu lugar e levada para Roma [...]. Diz-se que, depois que essa mesma estátua foi carregada e a cidade queimada, os soldados ao saquearem o templo encontraram uma fenda estreita; eles então ampliaram a fenda na esperança de encontrar ali algo valioso; mas de uma espécie de santuário, fechado pelas artes ocultas dos caldeus, irrompeu o germe daquela pestilência que, depois de gerar a virulência de doenças incuráveis, no tempo do mesmo Vero e de Marco Antonino, poluiu tudo de contágio e morte, desde as fronteiras da Pérsia até o Reno e a Gália. (AMIANO MARCELINO. *Res gestae*, XXIII, 6, 26)*

É possível ver na narrativa de Amiano, como também na ainda menos confiável *História Augusta*, uma elaboração literária posterior, devido a seus aspectos lendários, mitológicos e moralizantes. No entanto, essas narrativas parecem ter origem em um boato (“diz-se que”) com o qual os romanos procuraram compreender as razões de sua desgraça. O fato de que os contingentes militares, com seus deslocamentos, tivessem ajudado a difundir a epidemia pode ter levado a essa associação. Numa época em que à paz dos deuses se atribuíam a saúde e a prosperidade, é compreensível que se vinculasse o flagelo da doença a algum sacrilégio provocado pelos soldados. Outras pessoas relacionaram a causa da doença ou, pelo menos, da grande mortalidade que testemunhavam, não ao castigo divino, mas à ação humana. Segundo o historiador Dião Cássio, que observou o surto sob o governo de Cômodo, além das 2000 pessoas que morriam por dia apenas na cidade de Roma em decorrência da peste, muitas outras teriam sido mortas “não só na Urbe, mas em praticamente todo o Império, nas mãos de criminosos que espalhavam pequenas agulhas com algumas drogas mortais e, por pagamento, infectavam-nas com esse veneno” (DIÃO CÁSSIO. *Historia Romana*, LXXII, 14, 3-4). Essa proliferação de boatos é comparável à que nós mesmos assistimos no início da atual pandemia de Covid-19, da suposta fabricação em laboratório do vírus à “sopa de morcegos” de Wuhan (CORONAVÍRUS, 2020). Em ambos os casos, estamos diante da

busca de explicações para algo que foi sentido como uma surpresa e para o qual havia muito poucas respostas (com a diferença de que hoje, pelo menos, sabemos o que são os vírus e como nos afetam).

Ao contrário, porém, do que sugerem as narrativas de Amiano e da *História Augusta*, é certo que nem tudo começou em Selêucia. Como lembra Benoît Rossignol (2012, p. 91), se os deslocamentos de soldados certamente ajudaram a propagar a epidemia, havia também outros canais para a sua difusão. E, de fato, o testemunho de Galeno, que se encontrava em Roma no verão de 166, revela que a epidemia já havia atingido a capital antes mesmo do retorno de Lúcio Vero. Analisando a Peste Antonina num contexto epidemiológico mundial, Rossignol observou que as crônicas chinesas revelam um aumento expressivo dos surtos epidêmicos no Império dos Hans a partir de 161, mas também sublinhou que isso não significa que a epidemia atestada no Império Romano a partir de 165 tivesse se originado no extremo Oriente. Ao contrário, há indícios que sugerem que tanto a China quanto o Império Romano foram afetados quase ao mesmo tempo por epidemias, talvez por uma mesma doença infecciosa espalhada pelas caravanas e pelos comerciantes, especialmente os associados à então pujante Rota da Seda (sobre essa rota, ver MCLAUGHLIN, 2012, p. 115-144). O desenvolvimento desde o segundo terço do século II d.C. da estatuária e do culto da deusa Hariti no Império Cuchana é um bom indício. Identificada em textos posteriores como a deusa da varíola, o aparecimento da iconografia clássica dessa deusa na década de 130 pode indicar que o sul da Ásia já havia se tornado, por essa época, um reservatório dessa ou de uma doença semelhante (ROSSIGNOL, 2012, p. 92-94). Para avaliar essa hipótese e compreender as razões da difusão e do impacto dessa que pode ter sido uma das primeiras pandemias a afetar a Afro-Eurásia é preciso, porém, identificar a natureza da Peste Antonina.

A natureza da doença:

a evidência dos textos e da Genética

Apesar das incertezas que persistem para a compreensão da Peste Antonina, essa é a única epidemia da Antiguidade que conta com as memórias e observações clínicas de um médico dela contemporâneo, o famoso Galeno. Em sua obra *Sobre seus próprios livros*, Galeno recorda que estava em Roma no verão de 166 quando o que ele sempre chama de “longa peste”

(πολυχρόνιος λοιμός) assolou a cidade. Fugiu então às pressas de Roma e retornou à sua cidade natal, Pérgamo, na atual Turquia, porque, segundo a recensão árabe desse texto, “nenhum medicamento suficientemente poderoso pôde ser encontrado, ao que eu saiba, para lutar contra essa pestilência que se espalhou por toda parte antes de desaparecer” (GALENO. *De libris propriis liber*, I, 16). No inverno de 168-169, durante um conflito militar que opôs os exércitos romanos aos marcomanos, quados e outros povos germânicos ao longo do alto e do baixo Danúbio, Galeno se encontrava de novo na Itália, em Aquileia, prestando serviços aos imperadores como médico do exército. Foi nessa época que uma nova e mais grave onda da doença eclodiu, levando Lúcio Vero e Marco Aurélio a fugirem para Roma com um punhado de soldados, deixando a maioria da tropa para trás. Segundo Galeno, os que ficaram tiveram muitas dificuldades para saírem ilesos dessa situação, sobretudo porque a doença grassava em pleno inverno (GALENO. *De libris propriis liber*, III, 3).

No livro V de seu *Método terapêutico*, Galeno descreve em detalhes seu tratamento dos doentes infectados pela peste no acampamento militar de Aquileia durante aquele inverno de 168-169. O médico começa descrevendo um caso específico que lhe permitiu descobrir um tratamento para a doença:

Um homem jovem estava, havia nove dias, coberto de úlceras por todo o corpo, como aconteceu, de resto, com quase todos os que sobreviveram. Naquele dia, ele tinha, além disso, uma pequena tosse. No dia seguinte, ele tomou um banho e começou imediatamente a tossir mais forte. Ao tossir, ele eliminou o que se chama de crosta. (GALENO. *Methodus Medendi*, V, 12)

Essa observação levou o médico a identificar uma inflamação interna na proximidade da laringe. Recomendou, então, ao paciente a ingestão de medicamentos líquidos e a aplicação externa de remédios dessecantes na região do pescoço. Aplicando os medicamentos, o paciente começou a se restabelecer após três dias de crise e foi curado. Após outros experimentos semelhantes, Galeno concluiu:

Aqueles que foram facilmente curados da peste me parecem dever sua cura ao fato de que todo o seu corpo havia previamente secado e purgado. Alguns deles, de fato, estavam sujeitos a vômitos e todos

sofriam de problemas abdominais. Naqueles que iam escapar por-que já haviam se esvaziado dessa maneira, de repente apareceram erupções cutâneas pretas por todo o corpo, ulcerativas na maioria e secas em todos. Ao observá-los, percebemos que se tratava de um resquício de sangue apodrecido pelas febres, a natureza empurrando uma espécie de cinza para a pele, como faz com muitos outros também. Além disso, para erupções desse tipo, não era necessário recorrer a uma droga; elas pararam por conta própria, da seguinte forma. Para alguns, aqueles com ulceração, a parte superficial chamada crosta caía, e então o que restava estava perto da cura: depois de um ou dois dias, a cicatrização começava. Para outros, nos quais não houve ulceração, a erupção era áspera e fazia pensar em sarna; uma espécie de pele era separada dele; depois disso, todos se recuperavam. (GALENO. Methodus Medendi, V, 12)

Além dos sintomas citados, o médico também descreve, em outros escritos, a ocorrência de febre e vários problemas gastrointestinais, incluindo perda de apetite, intestino solto e fezes com sangue ou pretas (GALENO. *Methodus Medendi*, X, 11; *In Hippocratis Epidemiorum*, III, 3, 59-60; LITTMAN & LITTMAN, 1973, p. 248-249; FLEMMING, 2018, p. 229).

Na ausência de amostras arqueológicas com material molecular que poderia ser utilizado para confirmar o agente etiológico da Peste Antonina por meio da análise do DNA antigo, a descrição dos sintomas feita por Galeno ainda é a nossa principal fonte para identificar a natureza da doença. Desde a publicação em 1973 de um artigo de Littman e Littman, um classicista e um médico, a absoluta maioria dos estudiosos tende a identificar a Peste Antonina com uma forma de varíola, uma doença, como se sabe, erradicada desde 1980 pela vacinação, após ter matado mais de 300 milhões de pessoas só no século XX (SPINNEY, 2020). A varíola, com efeito, apresenta um período de 10 a 12 dias de incubação, seguida por dois a três dias de pródromo, com febre, cefaleia, dor lombar e mal-estar, por vezes também com dor abdominal acentuada e vômitos. Seguindo o pródromo, aparecem lesões na mucosa orofaríngea, na face e nos braços, que se disseminam para o tronco e as pernas. As lesões orofaríngeas ulceram-se rapidamente, e, após um ou dois dias, as erupções cutâneas tornam-se vesiculares e, em seguida, pustulares. Por fim, após oito ou nove dias, as pústulas transformam-se em crostas (TESINI, 2019; GAIA, 2020, p. 160).

Os sintomas e o calendário da progressão da doença, como se vê, correspondem bem ao relato de Galeno. Em 2019, porém, Rebecca Flemming argumentou contra a identificação da Peste Antonina com um surto de varíola, observando que: 1) dois outros autores antigos, contemporâneos dos eventos, Élio Aristides e Herodiano, notaram que o gado também havia sido infectado pela doença na época da peste, o que não é o caso do vírus da varíola, que só infecta humanos; e 2) nem Galeno, nem nenhum outro autor antigo se refere às cicatrizes faciais que associamos à varíola (FLEMMING, 2019). No entanto, como Brandon McDonald argumentou, em um estudo que acaba de ser publicado, esses dois pontos não são decisivos (MCDONALD, 2021, p. 387-391). Em primeiro lugar, a ausência de descrição de cicatrizes não é significativa porque Galeno se interessava pelos sintomas do doente e não pelo estado dos curados. Em segundo lugar, as referências de Aristides e Herodiano ao gado infectado (ARISTIDES. *Orationes*, XLVIII, 38-44; HERODIANO. *Historia*, I, 12, 1-2) podem ser apenas um artifício retórico ou se relacionar a outra doença, uma vez que nenhum dos autores se refere aos sintomas apresentados pelos animais.

Os estudos recentes filogenéticos e paleogenéticos sobre a varíola nos permitem, porém, levantar outra possibilidade. Não é impossível que o agente causador da Peste Antonina fosse um poxvírus “generalista”, isto é, uma cepa antecessora do vírus da varíola que ainda infectava tanto animais quanto humanos antes de se deter na nossa espécie. Estudos filogenéticos recentes, com efeito, sugeriram que o vírus da varíola divergiu de seu mais recente antecessor para se tornar um vírus que infectava apenas humanos no século III d.C., ainda que uma data muito anterior não esteja descartada. Em 2020, um estudo do DNA antigo de 13 esqueletos medievais (“vikings”) conduzido por Barbara Mühlemann também concluiu que duas cepas diferentes da varíola, uma delas até então desconhecida, divergiram de uma cepa mais antiga de poxvírus entre o final do século II e o século V d.C. (MÜLHEMANN et al., 2020, p. 3-5). Como McDonald observou, esses estudos recentes sugerem que uma antiga cepa generalista de poxvírus existia na época e pode mesmo ter sido responsável pela Peste Antonina. Além disso, uma divergência da forma antiga de poxvírus para as cepas mais recentes “sugere que um período de muita atividade que favoreceu a evolução da cepa antiga, como uma pandemia, precedeu as divergências. Dado o período em que ocorreu a divergência (180-500 d.C.), a Peste Antonina se enquadraria nesse evento” (MCDONALD, 2021, p. 390). De

todo modo, no estado atual de nossos conhecimentos, um vírus semelhante ao da varíola, ou seu antecessor, permanece como a mais provável causa da Peste Antonina.

A experiência e o impacto da Peste Antonina: uma questão em disputa

Sabe-se que os vírus que provocam imunidade parcial, como o da varíola, são muito mais letais quando entram em contato com uma população que anteriormente não havia sido exposta a eles. Esse foi o caso das populações indígenas nas Américas após a conquista europeia do continente, mas não sabemos se o mesmo ocorreu no Império Romano. Compreender a escala e o impacto da Peste Antonina tem sido, de fato, há muito tempo objeto de controvérsias, em grande parte porque, para isso, dependemos majoritariamente de fontes indiretas. As estimativas da mortalidade provocada pela Peste Antonina no Império Romano sugeridas pelos estudiosos modernos variam de 1% a 30% ou mais, o que é uma diferença significativa (BAGNALL, 2013, p. 715). Para os estudiosos que defendem uma visão “maximalista” dos impactos da peste, tanto a mortalidade provocada pela doença, como suas consequências econômicas e sociais poderiam ser medidas por uma série de indícios indiretos, como os reunidos por Richard Duncan-Jones (1996). Um indício de declínio populacional estaria nos registros de contribuintes adultos do sexo masculino preservados na documentação papirológica do Delta do Egito. Em vários vilarejos da região, os registros mostram um declínio abrupto dos contribuintes entre o início e o final da década de 160, com uma diminuição da ordem de 70 a 93%. Várias outras séries de documentos demonstram uma queda abrupta a partir da metade da década de 160. Em Roma, as inscrições comemorativas de estátuas e construções datadas por dia, mês e ano cessam entre 165 e 180. A queda também é atestada na produção de mármore frígio ou no volume de moedas cunhadas. Estudos arqueológicos mais recentes apontam na mesma direção. Uma investigação realizada em 2018 sobre a poluição por chumbo depositado nas camadas de gelo da Groenlândia, um indício da extração de prata na Europa, sugere também uma queda abrupta após um pico no início da década de 160 (MCDONALD, 2021, p. 394).

Para outros autores, a Peste Antonina pode ter sido grave, mas não haveria evidências que justificassem um impacto catastrófico (BRUUN,

2012). A queda de contribuintes nos registros do Delta do Egito, por exemplo, poderia ser devida a fugas e não à morte e nada garante que as dificuldades econômicas reveladas em outras séries de documentos não possam ter sido provocadas por outros fatores, como as guerras contra persas e marcomanos e as rebeliões que sabemos terem agitado o Egito nesses anos. Em um artigo publicado na revista *Past & Present*, Collin Elliott (2016) argumentou que, no caso específico do Delta do Egito, a peste parece ter sido antes a consequência do que a causa de uma crise. A única evidência direta da Peste Antonina na região é um papiro que lista as causas do despovoamento do vilarejo de Kerkenouphis e, segundo esse relato, a causa primeira era a violência, não a doença. Segundo esse papiro (*P. Thmouis* 1), os impostos devidos pelo vilarejo haviam sido suspensos depois de a maioria dos homens ter sido assassinada por um bando de rebeldes e os sobreviventes terem sido mortos pela peste ou fugido. Ações como essa de grupos rebeldes nessa época são também mencionadas em outras fontes e parecem ter sido uma resposta à contínua cobrança de impostos de camponeses que já haviam sido arruinados por um prolongado período de seca, o que Elliott atribui a uma mudança climática momentânea que alterou as cheias do Nilo. Seria, portanto, a fuga das vítimas da violência e da fome para as cidades que teria favorecido a difusão da peste e não o contrário.

Uma tendência recente tem sido considerar as dificuldades enfrentadas pelo Império Romano (e também por outros impérios na mesma época, como o Império Han) como uma crise multifatorial, o que ajudaria a explicar a própria extensão da doença até tomar as proporções de uma pandemia que afetou três continentes. Para Benoît Rossignol (2012), uma degradação climática, um declínio da produção de alimentos e a difusão da doença estariam intimamente ligados. A hipótese de degradação climática é um fator que ajuda a compreender por que impérios tão distantes e diversos como o Romano e o Chinês passaram por dificuldades semelhantes ao mesmo tempo. Vários dados paleoclimáticos, como a dendrocronologia e a extensão das geleiras, coletados por Rossignol (2012) e mais recentemente por McDonald (2021), sugerem que a Eurásia atravessou um período mais frio e seco na época da Peste Antonina. A principal responsável por essa mudança de curto prazo foi, muito provavelmente, uma série de erupções vulcânicas que, como comprovou o caso da erupção do Pinatubo em 1991, tendem a resfriar o ambiente numa extensão por vezes planetária, devido ao lançamento de gases sulfúricos que permanecem na atmosfera às vezes

por anos. O resfriamento e ressecamento do ambiente podem ter criado problemas como a quebra de colheitas e a fome, o que também favorece a migração e, portanto, a difusão de doenças. Além disso, um ambiente mais frio e seco é especialmente propício para a difusão do vírus da varíola (ou antecessores), o que pode explicar por que, exatamente nessa época, ele se difunde a partir de seus reservatórios, provavelmente no sul da Ásia, tanto para a China quanto para o Império Romano. Isso também pode explicar por que algumas regiões foram mais afetadas, enquanto outras, como o norte da África, com um clima menos frio, parecem ter sido relativamente poupadas da pandemia.

Um problema com o debate tradicional sobre o impacto da Peste Antonina é que ele se concentra mais nas suas consequências macroeconômicas do que na experiência das pessoas que viveram esses tempos difíceis. Walter Scheidel (2012), por exemplo, argumenta que, à semelhança do que teria acontecido com a Peste Negra, a diminuição do número de habitantes após a Peste Antonina teria melhorado as condições econômicas dos sobreviventes. Além de minimizar os sofrimentos dos que não tiveram essa sorte, há outro problema de fundo com esse argumento, como bem sublinha Roger Bagnall, a partir do estudo de Rossignol: ainda que mais recursos estivessem disponíveis depois da crise, isso não significa que as pessoas comuns teriam condições de se beneficiar desse excedente (BAGNALL, 2013, p. 716). Em sua análise sobre o Egito durante a Peste Antonina, Elliott observou que a mudança do padrão do arrendamento das propriedades rurais, com parcelas menores arrendadas por períodos mais longos, pode ser vista como uma estratégia dos *proprietários* para minimizar os riscos em tempos de insegurança. Ele conclui que, no Egito, ricos e pobres tiveram que encontrar saídas diferentes para a crise: os ricos diversificaram seus investimentos; os pobres, como vimos, só puderam migrar em busca de melhores condições – com isso também involuntariamente se infectando e transmitindo a doença, especialmente quando se aglomeravam nas cidades (ELLIOT, 2016, p. 30). Como esse exemplo nos mostra, não é possível falar nos impactos da Peste Antonina sem levar em conta o fato de que nem todos os grupos sociais a viveram da mesma maneira. A exemplo da pandemia de Covid-19, portanto, o impacto da Peste Antonina também nos revela um oceano de desigualdade.

Conclusões

A experiência de vivermos nossa própria pandemia, com toda a certeza, mudou nosso olhar sobre o passado. À luz do que vivemos, tornou-se mais difícil, por exemplo, tratar as epidemias pregressas como apenas uma “gripezinha”, um “resfriadinho”. Questões como o impacto psicológico, o medo da infecção, a difusão de falsas notícias, a desigualdade social e a propagação da doença numa escala global devem inevitavelmente orientar nosso olhar para a Peste Antonina, assim como para outras epidemias ao longo da história. Ao mesmo tempo, esse olhar para o passado nos ajuda a pensar o presente e projetar o futuro – e, ao fazer isso, ele nos auxilia a refletir até mesmo sobre o que não queremos pensar. É compreensível, por exemplo, que, após mais de dois anos de pandemia, muitos de nós sintamos a necessidade de olhar para a frente, para o pós-pandemia. Seria, sem dúvida, possível olhar para o amanhã depois da catástrofe e enfatizar, digamos, a recuperação do Império Romano depois da crise na época de Marco Aurélio e de Cômodo, pois é verdade que o Império se recuperou sob a dinastia dos Severos, ao menos parcialmente. Mas como Patrick Boucheron observou a respeito da Peste Negra, as sociedades que viveram traumas como vivemos tendem a não falar sobre ele no imediato. Representações da Peste Negra, por exemplo, são raras em sua própria época e só aparecem muito depois (BOUCHERON, 2021). Mas ao não falarmos, corremos o risco de esquecermos, como esquecemos da chamada “gripe espanhola”, a pandemia de 1918.

Refletir sobre a experiência da Peste Antonina pode ainda suscitar algumas reflexões importantes para pensarmos o nosso futuro. Ela nos lembra, por exemplo, que pandemias não são raios em céu azul e que são muitas vezes provocadas ou favorecidas por múltiplos fatores. Vimos, em especial, o quanto mudanças climáticas ou transformações do meio ambiente podem ter desencadeado a Peste Antonina. Numa época em que enfrentamos mudanças climáticas ainda mais duradouras e em um mundo bem mais conectado do que no passado, seria bom que esse exemplo nos levasse a refletir a respeito. Por fim, mas não menos importante, cabe lembrar que a Peste Antonina nos fala de um vírus (ou seu ancestral) que só foi erradicado graças a uma bem-sucedida campanha de vacinação há cerca de quarenta anos. Apesar de identificarmos tantas semelhanças com os sofrimentos e angústias de quem atravessou no passado uma pandemia como atravessamos, nós

teríamos melhores condições de enfrentá-la se não fosse a ação antivacina de alguns de nossos governantes e sua preferência por uma estratégia deliberada de contaminação em massa. E isso é algo que nós, definitivamente, não podemos esquecer.

Documentação escrita

AMIANO MARCELINO. *Res gestae*. Books 20-26. (Loeb Classical Library, 315). Trad. John C. Rolfe. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986. v. II.

ARISTIDES. *Aelii Aristidis Smyrnaei quae supersunt omnia*. Orationes 17-53. Trad. Brunol Keil. Berlin: Weidmann, 1898. v. 2.

DIÃO CÁSSIO. *Roman History*. Books 71-80. (Loeb Classical Library, 177). Trad. Ernest Cary. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1955. v. IX.

GALENO. *De libris propriis liber* (Περὶ τῶν ἰδίων βιβλίων). Galien: Introduction générale; Sur l'ordre de ses propres livres; Sur ses propres livres; Que l'excellent médecin est aussi philosophe. Trad. Véronique Boudon-Millot. Paris: Les Belles Lettres, 2007, p. 129-234. t. I.

GALENO. *Galenii in Hippocratis Epidemiarum librum III*. Commentaria. (Corpus Medicorum Graecorum, V 10, 2. 1), (*In Hippocratis Epidemiarum librum III*). Trad. Ernst Wenkebach. Leipzig: Teubner, 1936.

GALENO. *Galen: Method of Medicine. (Methodus Medendi)*. (Loeb Classical Library, 516-518). Trad. Ian, Johnston; G. H. R. Horsley. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2011. 3 vols.

HERODIANO. *History of the Empire*. Books 1-4. (*Historia*). (Loeb Classical Library, 454). Trad. C. R. Whittaker. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1969. v. I.

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Lucian, in Eight Volumes (Alexandros)*. (Loeb Classical Library, 162). A. M. Harmon. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971, p. 173-253. v. 4.

Sítios

BOUCHERON, Patrick. La Peste Noire. Épisode 1: In média res (introduction générale). *Les Cours du Collège de France*, emissão de rádio difundida pela France Culture em 20/09/2021. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-cours-du-college-de-france/in-media-res-introduction-generale>.

Acesso em: 22 fev. 2022.

CORONAVÍRUS e “sopa de morcego”? Teoria da conspiração e fake news se espalham com o avanço do surto. *BBC News/Brasil*, 20/1/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51311226>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TESINI, Brenda L. s.v. Variola. In: MANUAL MSD. Versão para Profissionais da Saúde. Última atualização do conteúdo: abr. 2019. Disponível em: https://www.msmanuals.com/pt/profissional/doencas-infecciosas/v%C3%ADrus-pox/var%C3%ADola#v1023260_pt. Acesso em: 22 fev. 2022.

Referências bibliográficas

BAGNALL, Roger S. The Antonine Plague Returns. *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 26, p. 714-717, 2013.

BRUUN, Christer. La mancanza di prove di un effetto catastrofico della “Peste Antonina” (dal 166 d.C. in poi). In: LO CASCIO, Elio (ed.). *L’impatto della “Peste Antonina”*. Bari: Edipuglia, 2012, p. 123-165.

DUNCAN-JONES, Richard. The impact of the Antonine plague. *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 9, p. 108-136, 1996.

ELLIOTT, Collin P. The Antonine Plague, climate change and local violence in Roman Egypt. *Past and Present*, Oxford, v. 231, p. 3-31, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/pastj/gtv058>. Acesso em: 22 fev. 2022.

GAIA, David Valério. O apogeu do Império Romano maculado por uma peste: considerações sobre a Peste Antonina (165-180 d.C.). In: CERQUEIRA, Fábio Vergara et al. (orgs.). *Epidemia na história: viver e morrer na peste*. Pelotas-RS: Editora UFPEL, 2020, p. 149-174.

GREEN, Monica H. The four black deaths. *American Historical Review*, Oxford, v. 125, n. 1, p. 1601-163, 2020.

GREEN, Monica H. Perfecting Diseases’ Pasts: On Kyle Harper’s “Plagues Upon the Earth”. *Los Angeles Review of Books*, 18 out. 2021. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/perfecting-diseases-pasts-on-kyle-harpers-plagues-upon-the-earth/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

HARPER, Kyle. *Plagues upon the Earth: disease and the course of human history*. Princeton: Princeton University Press, 2021.

JONES, Christopher P. An amulet from London and events surrounding the Antonine Plague. *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 29, p. 469-

472, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1047759400072251>. Acesso em: 22 fev. 2022.

LITTMAN, R. J; LITTMAN, M. L. Galen and the Antonine Plague. *The American Journal of Philology*, Baltimore, v. 94, n. 3, p. 243-255, 1973.

LO CASCIO, Elio (ed.). *L'impatto della "Peste Antonina"*. Bari: Edipuglia, 2012.

MCDONALD, Brandon T. The Antonine Crisis: climate change as a trigger for epidemiological and economic turmoil. In: ERDKAMP, Paul et al. (eds.). *Climate change and Ancient societies in Europe and the Near East*. Cham: Palgrave MacMillan, 2021, p. 373-410.

MCLAUGHLIN, Raoul. *Roma e o Oriente distante: rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China*. Trad. Marina Mariz. São Paulo: Rosari, 2012.

ROSSIGNOL, Benoît. Le climat, les famines et la guerre: éléments du contexte de la peste antonine. In: LO CASCIO, Elio (ed.). *L'impatto della "Peste Antonina"*. Bari: Edipuglia, 2012, p. 87-122.

SARRIS, Peter. Viewpoint: new approaches to the "Plague of Justinian". *Past & Present*, Oxford, v. 254, p. 315-346, 2022.

SCHEIDEL, Walter. Roman wellbeing and the economic consequences of the Antonine Plague. In: LO CASCIO, Elio (ed.). *L'impatto della "Peste Antonina"*. Bari: Edipuglia, 2012, p. 265-295.

SPINNEY, Laura. Smallpox and other viruses plagued humans much earlier than suspected. *Nature*, 23/7/2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02083-0>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TOMLIN, Roger S. O. "Drive away the cloud of plague": a Greek amulet from Roman London." In: COLLINS, Rob; MCINTOSH, Francis (eds.). *Life in the Limes: studies of the people and objects of the Roman frontiers*. Oxford: Ox-bow Books, 2014, p. 197-205.

Nota

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no III Encontro Internacional Língua e Linguagem no Mundo Antigo: O amanhã depois da catástrofe, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre os dias 24 e 26 de novembro de 2021. Agradeço a Kátia M. P. Pozzer, Anderson Zalewski Vargas e Rafael Brunhara, pelo convite, e a Anderson Zalewski Vargas e Pedro Benedetti, pelos comentários. Devo também um agradecimento a Urbano Cristini, pela ajuda com a bibliografia. As ideias aqui expressas são de minha inteira responsabilidade.